

O germano e os *Ritter* a serviço do nacionalsocialismo – propaganda e reapropriação política da imagem dos germanos e dos cavaleiros medievais na Alemanha dos anos 40

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/FL/PPGHC/CEIA)

alvabrag@uol.com.br

Recebido em: 03/01/2015

Aprovado em: 29/01/2015

Resumo

O presente artigo esboça uma introdução à questão do uso do passado pelo movimento nacionalsocialista alemão com ênfase na formação e organização do braço militar do Partido Nazista, as *Waffen SS* (SS em Armas), durante a Segunda Guerra Mundial, em que as referências à mitologia germânica, ao passado germânico e à cavalaria medieval comum foram elementos recorrentes no arsenal visual propagandístico do Terceiro *Reich*.

Palavras-chave: nacionalsocialismo; *Waffen SS*; cultura germânica; cavalaria medieval

Abstract

The present paper outlines an introduction to the question of the use of the past by the German National Socialist Movement with emphasis on the formation and organization of the military branch of the Nazi Party, the *Waffen SS* (Armed SS), during the Second World War, when the references to the germanic mythology, germanic past and medieval chivalry were recurring elements in the propaganda arsenal of the Third *Reich*.

Keywords: nacionalsocialism; *Waffen SS*; germanic culture; medieval chivalry.

Quanto mais o ser humano procura repensar determinados momentos da história da humanidade, mais parecem vir à tona semelhanças de atitudes do que propriamente divergências significativas no tocante à administração do bem público. Tribos, reinos, impérios, estados, todos são perpassados continuamente por uma vasta gama de influxos de ordem interna e externa, que decisivamente conformam sua unidade político-geográfica. Dessa maneira, a história, vivida e feita por homens, por muitas vezes lança mão de uma base fabular para consolidar determinado modelo ideológico. Em outros casos, as evidências históricas aliam-se às crenças, tradições e costumes, que têm na literatura talvez seu repositório mais amplo. Nesse momento, é possível um mau uso, em geral proposital, dessas fontes na criação e instauração de sistemas de ordem totalizante e totalitária.

Muito se discute acerca das raízes do nacional-socialismo na Alemanha e até hoje se debate incessantemente a questão dos aspectos do pensar e do fazer políticos dentro do partido nazista. Valendo-se das diretivas do Führer, propagadas pelos meios de comunicação sob o controle do poderoso Ministério de Propaganda e Esclarecimento do Povo (sic!), durante 12 anos a Alemanha foi, em grande parte, manipulada política e em especial culturalmente. Mitos modernos como a traição de 11 de novembro de 1918 -data da assinatura do armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial - e o complô judaico para destruir o Segundo Reich fundiam-se no caldeirão pseudocultural com traços evidentes de uma glória perdida, presente em um passado distante, no qual valentes guerreiros lutavam contra dragões, cavaleiros defendiam a honra de seu rei, cultuavam seu deus ou seus deuses e serviam às damas.

Exatamente no tocante às divindades germânicas criou-se um modelo mítico que consubstanciaria o papel político da Alemanha nacionalsocialista a se prolongar por mais de mil anos! Para se iniciar essa brevíssima discussão, cujo tema único será a utilização do estereótipo do germano antigo e medieval na composição de propaganda visual para o voluntariado nas Formações de Proteção (SS) alistadas no mundo nórdico e pensada como primeiro esboço de um artigo introdutório a ensaios posteriores, acreditamos serem indispensáveis, em um primeiro momento, algumas palavras sobre mito e mitologia.

I. MITO E MITOLOGIA – POR UMA APRESENTAÇÃO

Definir de forma unívoca o que é um mito é extremamente complexo e porque não dizer impossível. Vale a pena mencionar que a perspectiva atual para a definição do universo mítico contrasta com o ponto de vista adotado no século XIX. É necessário dizer, que a concepção de mito nos dias de hoje está vinculada à narrativa de cunho real, sendo esta extremamente preciosa por seu valor sagrado. Nos Oitocentos, a opinião era contrária, visto que o mundo mítico encontrava-se intimamente associado à ficção.

Cumprе ressaltar que há uma flexibilidade quanto à idéia de vários estudiosos sobre este tema¹. O mesmo pesquisador pode aceitar o mito sob o aspecto da verdade ou da invenção, comportamento este que depende do universo analisado. Não podemos deixar de citar, que compreender o mundo mítico implica considerá-lo como um fenômeno humano e cultural, já que sua origem está calcada na oralidade e que pode ser objeto de estudo da Antropologia, Semiologia, Literatura e História, por exemplo.

Além dos aspectos citados, julgamos interessante afirmar, que o mito possui a magia de promover um retorno aos primórdios. Esta situação pode ser verificada, quando um membro de uma comunidade qualquer realiza uma cerimônia mítica. O “sacerdote” desloca-se do tempo cronológico e ingressa em uma época primordial e sagrada.

Segundo Roland Barthes, o mito é uma fala, porém não é uma fala qualquer (**apud** Bragança Júnior & Jotha, 2008:46). Há, contudo, condições necessárias, para que a linguagem se transforme em mito, embora desde o princípio deva-se entendê-lo como um sistema de comunicação, uma mensagem. Ele é um modo de significação, uma forma que possui limites históricos, condições de funcionamento, etc.

O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como transmite essa mensagem: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Para Barthes, qualquer “coisa” pode transformar-se em mito. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade.

O mito não esconde nada e nada ostenta também: deforma, pois ele não é nem uma mentira e nem uma confissão, é uma inflexão. Tem o compromisso de “transmitir” um conceito intencional. O mito só encontra traição na linguagem, pois a linguagem dá vários sentidos possíveis a ele e esses sentidos podem, quase constantemente, ser

interpretados. Pode-se dizer que a língua propõe ao mito um sentido aberto, pois ele pode facilmente insinuar-se, crescer dentro de seu próprio sentido.

O mundo fornece ao mito um real histórico, definido, por mais longe que se recue no tempo, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram. O mito restitui uma imagem natural deste real, pois segundo Barthes (1987, XX) *a função do mito é evacuar o real literalmente*. Dessa forma, não se trata de uma história fantasiosa, porém recriada de uma forma literária.

O semiólogo francês (1987, XX) acredita que

a mitologia participa de um construir do mundo, tomando como ponto de partida permanente a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra, a cada instante, imerso numa falsa natureza. Ela tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por função camuflar. Esse desvendar de uma alienação é, portanto, um ato político: baseado numa concepção responsável da linguagem, a mitologia postula deste modo a liberdade dessa linguagem. A mitologia é uma concordância com o mundo, não tal como ele é, mas tal como pretende sê-lo.

Outro importante teórico, Mircea Eliade, defende o postulado do mito contar uma história sagrada, relatar um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”, ou seja, o mito narraria como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente aconteceu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais e são conhecidos, sobretudo, pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras.

É importante frisar que o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história “verdadeira”, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é “verdadeiro”, porque a existência do mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro”, porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante.

Pelo fato de relatar as gestas dos Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. Mesmo a conduta e as atividades profanas do homem têm por modelo as façanhas dos Entes Sobrenaturais.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais, em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje. Se o mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no “princípio”. Todavia, após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal como é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos.

Assim como o homem moderno se considera constituído pela história, o homem das sociedades arcaicas acredita, da mesma forma, que é o resultado de um certo número de eventos míticos. Embora considerando o resultado do curso da História, o homem moderno não se sente obrigado a conhecê-la em sua totalidade. Todavia, o homem das sociedades arcaicas é obrigado não somente a rememorar a história mítica de sua tribo, mas também a reatualizá-la periodicamente. Eliade (1972, 17) diz a esse respeito que *é aqui que encontramos a diferença mais importante entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para este último, é a nota característica da História, não constitui uma evidência para o primeiro.*

Para o homem das sociedades arcaicas o que aconteceu no princípio pode ser repetido através do poder dos ritos.² Portanto, o essencial é conhecer os mitos, não apenas porque eles lhe oferecem uma explicação do mundo e de seu próprio modo de existir no mundo, mas, sobretudo, porque ao rememorar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram durante os primórdios. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer para que reapareçam quando desaparecerem.

Bronislav Malinowski (**apud** Eliade, 1972; 23), por outro lado, acentua a relação imanente entre mito e prática social, ao definir o primeiro como

um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da

religião primitiva e da sabedoria prática (...). Essas histórias constituem para os nativos a expressão de uma realidade primeva, maior e mais relevante, pela qual são determinados a vida imediata, as atividades e os destinos da humanidade. O conhecimento dessa realidade revela ao homem o sentido dos atos rituais e morais, indicando-lhe o modo como deve executá-los”.

Segundo o levantamento de dados sobre o assunto em questão, podemos depreender que o mito é uma narrativa de origem simbólica que se situa entre a razão e a fé. Dessa forma, somos levados a crer que, na época em que estas histórias começavam a ser traçadas, não havia uma separação nítida entre o real e o irreal. A imaginação não estava submetida à razão.

O mito, apesar de ser um conceito não definido de modo preciso e unânime, constitui uma realidade antropológica fundamental, pois ele não só representa uma explicação sobre as origens do homem e do mundo em que vive, como traduz por símbolos ricos de significado o modo como um povo ou civilização entende e interpreta sua existência.

O mito narra um tempo em que o mundo ainda era jovem e os indivíduos se encontravam radicalmente ligados à terra, de modo totalmente diferente daquele a que nós, hoje em dia, estamos habituados. Seus personagens são deuses, seres sobrenaturais, fantasmas coletivos etc. São criaturas que viveram em um tempo primordial, ou seja, um tempo sagrado. Esses seres são tomados como modelo, pois são exemplo de uma conduta moral, de uma beatitude, ou seja, perfeição, que precedem a atual condição humana. É através da experiência do sagrado, do encontro com uma realidade não-humana, que nasce a idéia de que alguma coisa existe realmente, de que existem valores absolutos capazes de guiar o homem e de conferir uma significação à existência humana.³

Em princípios do século XX funda-se em Berlim a Sociedade para o Estudo Comparativo do Mito. Este é o momento em que o estudo do mito recorre à Psicologia e à Psicanálise buscando evidências e/ou explicações.

De acordo com o ideário de Freud e Jung, o universo mítico está localizado na “região” da mente humana denominada inconsciente coletivo. Jung, mais especificamente, defende a tese de que a porção inconsciente do ser humano manifesta-se através de imagens. Estas constituem um aglomerado de figuras que contêm mensagens mitológicas em sua forma e significado. De maneira inovadora apresenta-se a teoria de que o mito tem sua origem no interior da mente e encontra como “cenário de exteriorização” a cultura de qualquer comunidade.

Um último aspecto interessante a ser considerado é que o mundo mítico encontra-se intimamente ligado à oralidade. Deste modo, julgamos coerente estabelecer uma conexão entre o mito e a narrativa popular. A origem deste fenômeno não está vinculada ao fruto imaginário dos eruditos em suas “torres de marfim”. O mito, ao nosso ver, constitui um relato que reflete o Homem buscando o seu autoconhecimento. Além disso, podemos citar que através do mito o ser humano assume o papel de parte integrante da natureza.

Um conjunto de narrativas de cunho popular, que têm o mágico poder de transportar o Homem do presente ao passado remoto. Essa seria, acreditamos, a essência da mitologia. Como conjunto de narrativas que se propõe a apresentar ou explicar o mundo e a inserção do homem dentro de seu grupo social, lógico é que o mito tem destacado papel histórico e “construtor” de uma historicidade, podendo ser aceito, partilhado ou rejeitado de acordo também com a posição metodológico-científica adotada pelo pesquisador que o estude. Mesmo assim há uma correspondência direta entre o mito e a história. Aquele não representaria mais o relato dos fenômenos da natureza, e sim uma narrativa histórica do passado distante, uma leitura de episódios históricos efetivamente acontecidos. É nesse tipo de postura que se encontra a vinculação de elementos do passado germânico à formação ideológica do nacional-socialismo alemão.

II. O GERMANO E O NACIONALSOCIALISTA – APROPRIAÇÕES E DETURPAÇÕES – O CASO DA PROPAGANDA VISUAL NÓRDICA

Muitas vezes são usados modelos ideológicos e evidências históricas aliadas a crenças, tradições e costumes para se instaurar sistemas de ordem totalizante e totalitária. As tradições germânicas prestavam-se, conforme a visão nacional-socialista, para o embasamento da cultura dos novos tempos.⁴ Caso se atente para alguns legados do passado germânico durante os anos de 1933-1945, por exemplo, na vida militar alemã, isso se torna patente. O mito ariano da pureza racial tinha nos soldados das Waffen SS de origem alemã seu melhor espelho. Uma árvore genealógica imaculada era pré-requisito. Suas características morais traziam consigo o código de comportamento dos cavaleiros medievais: honra (Ehre) e fidelidade (Treue) eram seu lema. As noções de povo, império e governo adornavam não só as mentes, como também as fivelas dos cintos dos novos guerreiros germânicos. Até ordens secretas, semelhantes às mais importantes da Idade Média, como Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos, com ritos iniciáticos, sólida hierarquia e dogmatização do saber oculto, foram fomentadas. Para a população, de modo

diferente, mas não excludente, festividades alusivas a práticas pagãs como a celebração do solstício, à fartura nas colheitas, ou seja, tradições e costumes passados de geração a geração, tornam-se matéria de governo e fator de unidade e uniformidade nacionais a serviço do líder.⁵

Dinastias (Carlos Magno, Hohenstaufen), povos reais ou mitológicos (vikings, nibelungos), denominações ligadas ao espaço geográfico comum (Nord, Nordland) davam nome às divisões das Waffen-SS.⁶ Constituídas, em princípio, apenas por alemães, deu-se especial atenção, a partir de 1940, aos elementos que corresponderiam, em um primeiro momento, a um ideal nórdico de raça⁷, ao que se juntava o espírito da luta contra o bolchevismo. Citamos as seguintes, cujas insígnias se encontram nas páginas seguintes (**apud** Keegan, 1973: 150-151):

1. 5ª Divisão Blindada SS – *Wiking* (insígnia número 5);
2. 6ª Divisão de Montanha SS – *Nord* (insígnia número 6);⁸
3. 11ª Divisão de Infantaria Motorizada de Voluntários das SS – *Nordland* (insígnia número 11);
4. 23ª Divisão Blindada de Voluntários das SS – *Nederland* (insígnia número 23);
5. 27ª Divisão de Infantaria de Voluntários das SS – *Langemarck* (insígnia número 27);
6. 28ª Divisão de Infantaria de Voluntários das SS – *Wallonien* (insígnia número 28);
7. 34ª Divisão de Infantaria de Voluntários das SS – *Landstorm Nederland* (insígnia número 34).

Fato digno de nota é que a última divisão das Waffen-SS a ser criada, a 38ª Divisão de Infantaria Motorizada das SS *Nibelungen*, trazia como emblema divisional um elmo alado, o que segundo os estudos arqueológicos é completamente alheio ao mundo germânico da Antiguidade e do ciclo literário de lendas sobre os Nibelungos e o herói Siegfried.⁹

Todas as outras divisões mencionadas, à exceção da 6ª Divisão de Montanha, são oriundas de um espaço geográfico que abrange os Países Baixos, estendendo-se até à Dinamarca e Noruega. A absorção de voluntários com o perfil que se coadunava com as teorias de uma “raça ariana” foi facilitada pela propaganda visual em cartazes de recrutamento, que demonstravam uma solidez e vigor físicos, tão inquebrantáveis quanto os valores morais (**sic!**) que defendiam. Depreende-se isso a partir, por exemplo, do seguinte cartaz de recrutamento para as SS em Armas na Alemanha:



Cf. thor1974.blogspot.com

Tradução: “Waffen-SS – Entrada após 17 anos completos”.

Tal cartaz, dirigido a um público jovem e anticomunista, foi adaptado conforme a *cor local* e a matéria histórica, isto é, serviu aos propósitos de ampliação dos quadros daquelas tropas com elementos física e ideologicamente confiáveis como demonstrou a constituição entre 1943 e 1944 de divisões procedentes do mundo germano continental e escandinavo.

Ponto de união entre as nações conquistadas pelo Exército Alemão, a origem germânica, portanto, seria o instrumento de para congregar as forças na luta contra o perigo vermelho. Do ponto de vista mitológico, a figura de um guerreiro germano, de cabelos louros e virilidade exacerbada, possuidor da **übermuot** (coragem excessiva demonstrada em batalha), vê-se bem expressa nesse cartaz de recrutamento dinamarquês, em que se nota Siegfried em luta implacável contra o inimigo no front oriental:



In: forum.axishistory.com/, acesso em 19 de março de 2007.

Para alcançar um bom número de voluntários na Valônia, região que pertence à Bélgica, esboçou-se o seguinte cartaz, em que claramente se vê, não um germano dos primeiros séculos, mas sim um cavaleiro da Idade Média Tardia, ajaezado e pronto para combater pela causa:



In: <http://www.blokwatch.be/content/view/168/67/lang.nl/>, acesso m 24 de março de 2007.

Contudo, é no apelo a uma ancestralidade viking que a máquina propagandística do Terceiro Reich (de)forma consideravelmente a história a favor de seus ideais. O homem do Norte é chamado para participar de uma missão histórica em defesa de sua pátria, tendo ao fundo a representação do guerreiro viking, como fica evidente no cartaz norueguês:



In: www.hkpro.com/forum/showthread.php?t=91606, acesso em 24 de março de 2007.

E no dinamarquês:



In: www.library.flawlesslogic.com/euro_1.htm, acesso em 24 de março de 2007.

A vinculação do elemento nórdico contemporâneo ao viking completa-se com o motivo dos navios vikings, **drakkars**, que levavam os guerreiros a realizarem seus temidos **raids** na Europa a partir do século VIII.¹⁰ Isto evidencia-se no poster de recrutamento de voluntários para a *Legion Norske*, da Noruega, em que a serpentiforme carranca e a forma típica dos navios de guerra vikings aludem a nova missão: lutar contra o bolchevismo:



In: www.hkpro.com/forum/showthread.php?t=91606, acesso em 25 de março de 2007.

e neste outro, em que claramente as runas no capacete do soldado também denotam as forças mágicas da religiosidade germânica pretérita:



In: forum.axishistory.com/viewtopic.php?f=44&t=151640, acesso em 27 de março de 2007.

Até em um anel pode-se atestar o uso de símbolos visuais remissivos ao universo germânico, imaginário ou não.



In: www.ioffer.com/si/waffen+ss, capturado em 28 de março de 2007.

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O repositório cultural de um povo constitui-se em uma das bases, sobre a qual se assenta a unidade do mesmo. Na História, as lendas e mitos que integram o patrimônio comum dos grupos sociais servem como agentes fomentadores de suas próprias raízes. Que regimes e ideologias, portanto, conformam e deformam os modelos culturais é ponto pacífico. No caso da Alemanha, a partir de 1933 uma releitura da história foi levada adiante com o indisfarçável propósito de incorporar e adaptar o passado germânico à “filosofia”, à **Weltanschauung** (visão de mundo) do partido nacionalsocialista. A (re) e (des)apropriação do germano espalhou-se através de cartazes, símbolos, instituições, e dentre essas as Waffen-SS. Runas, vikings, embarcações, tudo foi pensado para reunir em uma só família povos e culturas, cujos antepassados eram oriundos do ramo germânico indoeuropeu. Atenção especial foi dada, a partir de 1940, aos países germânicos sob ocupação alemã. Aqui, a máquina propagandística de Goebbels¹¹ entrou em ação. Os voluntários, seduzidos pelas imagens e mensagens, alistavam-s prontos a lutar pela Nova Ordem. Desvirtuava-se a História em prol de uma Pseudo-História. A propaganda e a reapropriação política em voga na Alemanha nazista deixa-nos sempre o alerta para o perigo de anacronismos, que podem trazer à contemporaneidade modos de ver o mundo que desapropriam o passado e instauram um presente sem futuro algum.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 7ª ed. São Paulo: Difel, 1987.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo & JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. In: CÂNDIDO, Maria Regina. (Org.) **Mitologia germano-escandinava**. Do Chão ao Apocalipse. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos da Antiguidade, 2008. p. 46-60.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

KEEGAN, John. **Waffen-SS**. Soldados da morte. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Renes, 1973.

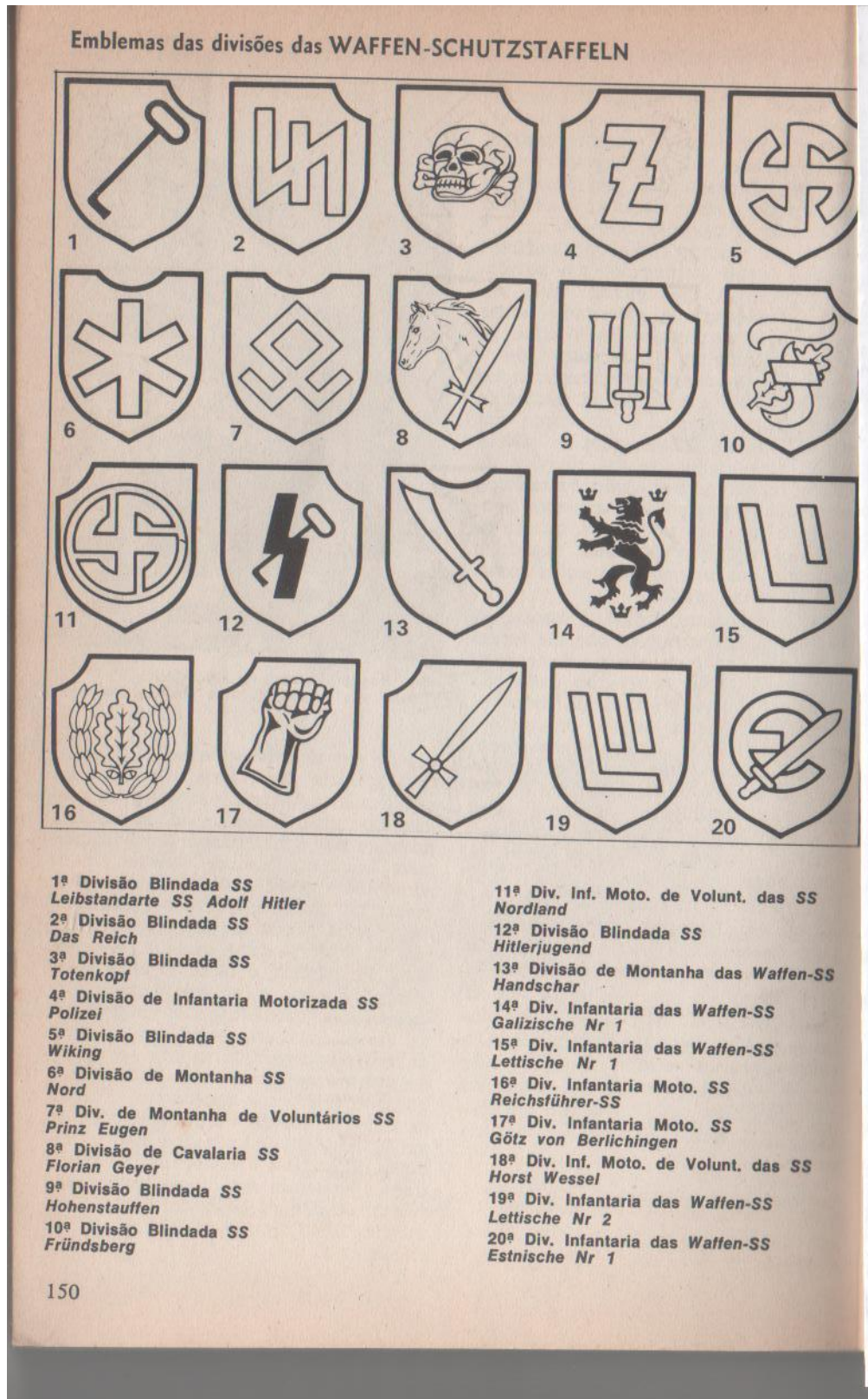
KOHNEN, Mansueto. **História da literatura germânica**. 3ª ed. Salvador: Mensageiro da Fé, 1960.

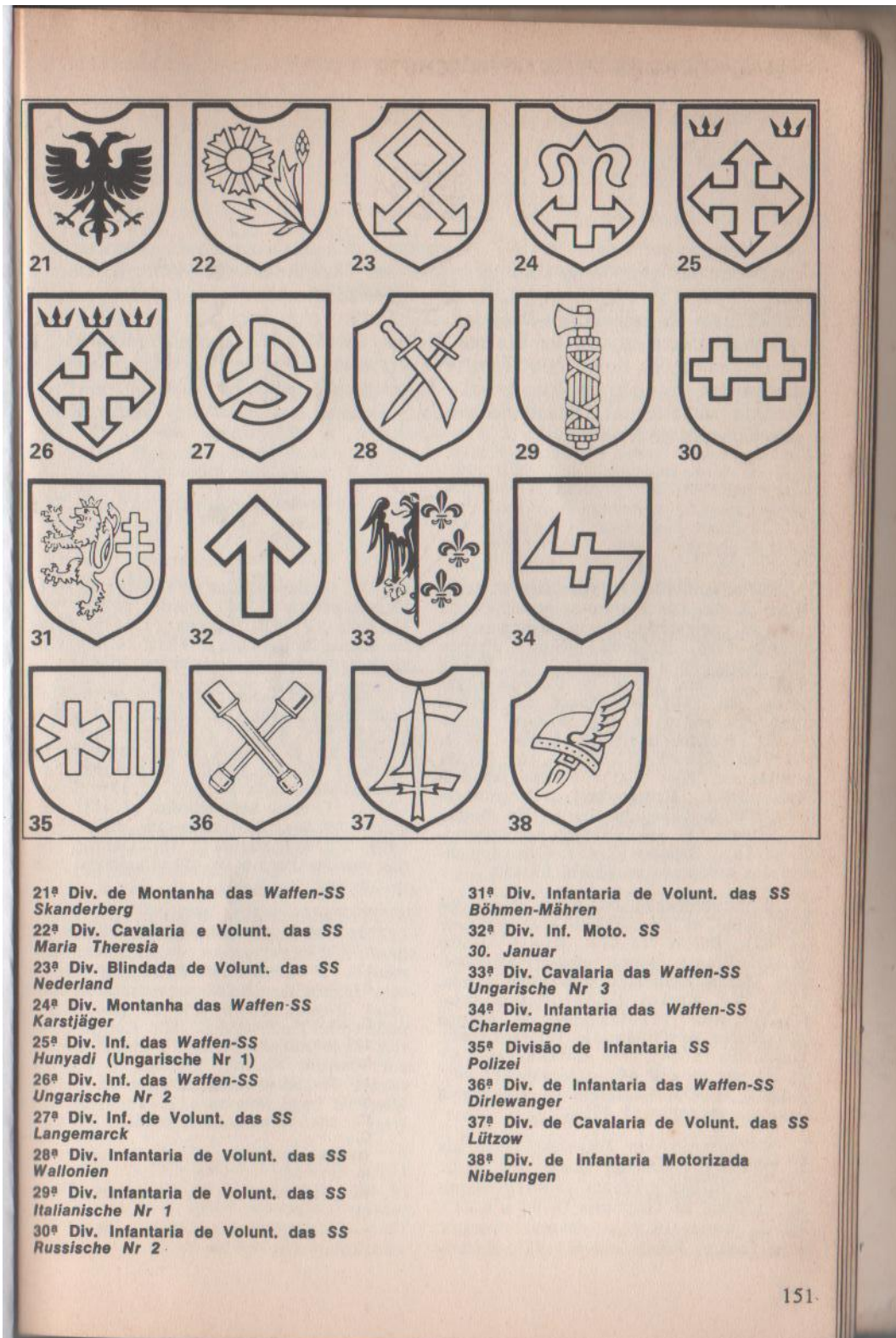
LANGER, Johnni. *Erfi*. As práticas funerárias na Escandinávia viking e suas representações. In: <http://www.brathair.com/revista/numeros/05.01.2005/erfi.pdf>, acesso em 16 de março de 2007.

ROSENBERG, Alfred. **Der Mythos des XX. Jahrhunderts**. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. München: Hoheneichen, 1933.

Die Nazis und ihr mysteriöser Kult ums Mittelalter. In: http://www.pm-magazin.de/de/heftartikel/druck_artikel.asp?artikelid=1941, acesso em 25 de setembro de 2007.

**ANEXOS I e II: LISTAGEM DAS DIVISÕES DAS WAFFEN-SS
 (apud KEEGAN, 1973: 150-151)**





¹ - Trabalharemos apenas neste ensaio com as ideias de Roland Barthes, Mircea Eliade e Bronislaw Malinowski.

² - Devido à limitação do artigo não teceremos aqui considerações de ordem teórico-metodológica acerca do rito e suas relações com os mitos e seus sistemas.

³ - Na segunda metade do século XIX, duas correntes de pensamento impulsionaram os estudos sobre mitos e mitologias. São elas o naturalismo e o animismo, sendo Max Muller e Edwar Bunnett Taylor seus mais destacados representantes.

⁴ - Este é um campo vastíssimo para estudos. Permitiremo-nos a não tecer considerações acerca de outros símbolos nacionalsocialistas, como a suástica, por exemplo, por fugir ao escopo deste trabalho.

⁵ - Sobre as ordens ocultas, a importância de Quedlinburg e Wevelsburg como lugares de peregrinação e de culto para os líderes nazistas cf. como fonte informativa http://www.pm-magazin.de/de/heftartikel/druck_artikel.asp?artikelid=1941, acesso em 25 de setembro de 2007. No mesmo artigo vêem-se referências às festividades populares germânicas de origem pagã.

⁶ - À guisa de entendimento sobre a origem, desenvolvimento e realizações das SS em Armas, cf. a excelente obra de John Keegan (1973), citada na Bibliografia.

⁷ - Como obra fundamental para o estabelecimento da teoria do mito ariano, cf. ROSENBERG (1933).

⁸ - Embora formada essencialmente por austríacos e “raciais”. (**apud** Keegan, 1973: 150).

⁹ - Para um estudo aprofundado dos falsos estereótipos dos germanos a partir do século XIX, cf. LANGER (2005 [11]).

¹⁰ - Sobre vikings consultar, em língua portuguesa, a vasta produção de Johnni Langer.

¹¹ - Joseph Goebbels (1897-1945) foi o Ministro para a Propaganda e Esclarecimento do Povo, responsável pela divulgação do credo nacionalsocialista em todas as áreas da vida pública alemã.